

## O NOVO ILUMINISMO E SUAS TENSÕES

### *ENLIGHTENMENT NOW AND IT IS TENSIONS*

---

Harlon Romariz Rabelo Santos\*

PINKER, Steven. O novo iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. E-book.

#### **Resumo**

A resenha apresenta uma análise do livro O novo iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo, obra do psicólogo e neurocientista Steven Pinker, que propõe uma defesa pública da razão, da ciência e do humanismo, num intuito de reconstruir as ideais iluministas no cotidiano contemporâneo. O diálogo dessas reflexões com o campo das ciências sociais pode gerar tensões e críticas, no entanto, produtivas, equilibrando as perspectivas em um momento de necessidade de reafirmação do pensamento científico.

**Palavras-chaves:** Iluminismo. Ciência. Negação da ciência. Humanismo.

#### **Abstract**

The review presents an analysis of the book Enlightenment Now: The Case for Reason, Science, Humanism, and Progress, the work of psychologist and neuroscientist Steven Pinker, who proposes a public defense of reason, science and humanism in order to reconstruct ideals. enlightenment in contemporary everyday life. The dialogue of these reflections with the field of social sciences can generate tensions and criticisms, however productive, balancing the perspectives in a moment of need for reaffirmation of scientific thought.

**Keywords:** Enlightenment. Science. Denial of science. Humanism.

O novo iluminismo é um recente livro de Steven Pinker no qual ele elabora o argumento de que os avanços no bem-estar social alcançados na contemporaneidade são resultados, ao cabo, das ideias iluministas. Para ele, tais ideais moveram, sobretudo no Ocidente, pessoas e recursos para uma valorização da razão, da ciência e de uma moral humanista. Um modus de construção da realidade que supera o pensamento religioso e formas precárias de relações humanas, promovendo as noções de direitos humanos e democracia.

Psicólogo canadense, especializado em cognição e linguagem, professor doutor do departamento de psicologia da Universidade de Harvard, defende, entre outras teses, a ideia de que há uma complexa estrutura mental e da consciência, comum entre os indivíduos, que se manifesta na linguagem e em fenômenos sociais, portanto, em alguma medida, uma história humana comum<sup>1</sup>.

---

\* Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: harlon.romariz@gmail.com  
<sup>1</sup>Também autor de *Os anjos bons da nossa natureza: porque a violência diminuiu*, obra na área de psicologia da violência que antecede argumentos da sua posição otimista em relação ao desenvolvimento humano moderno, pós-iluminismo.

O livro é dividido em três grandes partes. Na primeira parte, busca delinear o iluminismo como um processo histórico e como princípios sociais e políticos, além de apresentar respostas ao que denomina de “contrailuminismos”. Na segunda parte, apresenta uma série extensa de dados sobre a evolução das condições humanas, em vários âmbitos, como na educação, segurança, saúde, estabilidade política, entre outros progressos que ele atribui à experiência moderna e iluminista. Por fim, há uma terceira parte onde desenvolve argumentos de cunhos epistemológicos e filosóficos em defesa da razão, da ciência e do humanismo como prática moral universal.

Trata-se de uma obra circunstanciada pelos conhecimentos das áreas da neurociência, biologia e psicologia evolutiva, mas com muitos dados históricos e tentativas de diálogos com as ciências humanas e sociais, buscando promover um debate mais ampliado sobre os benefícios produzidos pelas ideias iluministas. Para Pinker (2018, p. 19), “O Iluminismo deu certo – talvez seja a maior história (quase nunca contada) de todos os tempos”. O livro busca, portanto, resgatar um pouco dessa história e defender os ideais iluministas a partir de uma aproximação com questões e discussões contemporâneas de nível global, apesar de acabar centrando-se no debate norte-americano.

Pinker situa-se epistemologicamente dentro de um paradigma materialista e evolutivo que o conduz a argumentar sobre a continuidade estrutural existente entre o mundo físico, biológico e social. Para o autor, um dos principais fundamentos que permite a conexão ordenada e estruturada entre esses mundos, visto a história da evolução humana, é a informação que “pode ser concebida como uma diminuição da entropia – como o ingrediente que distingue um sistema ordenado, estruturado, do imenso conjunto de sistemas aleatórios e inúteis” (PINKER, 2018, p. 35).

Essa perspectiva argumenta que o processo evolutivo humano foi, em termos gerais, um crescente acumulativo de estruturas e informações capazes de controlar processos naturais, como a entropia e o decaimento da matéria. Dessa forma, entende-se a inteligência e o conhecimento humano como ápices de um progresso que extrapola o âmbito social e até biológico (PINKER, 2018, p. 39).

A partir dessa fundamentação e contextualização é que Pinker elabora seus argumentos em favor do Iluminismo e da Era Moderna como períodos de início a uma nova fase do processo humano de evolução. Dessa forma, para além de argumentos históricos, Pinker busca na explicação evolutiva uma justificativa para a defesa desse projeto moderno e iluminista de pensar e estar no mundo. O autor defende que o período moderno e o iluminismo foram processos de valorização do conhecimento científico. Um modo de conhecer mais capaz de produção de informação, análise da realidade e intervenção. Período em que o *modus operandi* da ciência se coaduna com racionalidade social e política e estabelece leis, condutas sociais, direitos e uma estrutura política tendente à democracia, que possibilitou avanços civilizatórios. Tais progressos foram latentes e crescentes nesse período e o desenvolvimento humano e do bem-estar social têm bases nesses ideais (PINKER, 2018, p. 39).

Ao longo da segunda parte do livro, Pinker (2018) apresenta centenas de dados, organizados em gráficos e tabelas, para argumentar sobre como o processo de progresso humano, melhoria do bem-estar social e individual, qualidade de vida, estabilidade social e política foram resultados sociais acumulativos e que tiveram forte processo de ascensão e melhoria a partir do avanço das ideias iluministas. Essa argumentação é sustentada por uma hipótese de que tais resultados são frutos de um processo quase inevitável de evolução humana.

Ao se posicionar em defesa das ideias iluministas, da ciência e da razão, Pinker se contrapõe a discursos e movimentos que negam a evolução e o progresso humano e que se articulam em bases de conhecimentos pré-científicos. Aqui figuram dois tipos de narrativas criticadas por ele: a narrativa religiosa, que se impõe ao mundo social, e narrativa de movimentos políticos e culturais de negação da ciência, como os defensores da terra plana, movimentos antivacinação, negacionistas climáticos e propagadores de *fake news*.

Para Pinker, essas narrativas alternativas avessas à ciência resultam, em geral, de reminiscências evolutivas e sociais que não coadunam com o modo de existir humano moderno e racional. Pinker mostra como a religião foi um processo ou mesmo etapa singular no processo de evolução humana, servindo, entre outras funções, para proporcionar conforto cosmológico para indivíduos humanos impactados pela natureza e seus extremos. Em um determinado momento evolutivo, a religião foi importante nessa interpretação do mundo, hoje não mais. Um dos exemplos do autor está na forma como a religião concebe a justiça. Em termos de expiação e satisfação, o pensamento místico-religioso exige reparações e punições exacerbadas, num contexto de coerência moral. Para o mundo moderno, no entanto, a punição é um instrumento racional de desestímulo àquilo que a moral laica julga inapropriado para a eficiente convivência humana. Para Pinker (2018), o berço desse pensamento são as ideias iluministas.

Outro exemplo de reminiscências do passado evolutivamente estruturado que não coaduna com o *modus* contemporâneo de vida humana é a tentativa de proteção do grupo social próximo ou da identidade. Em algum momento da história evolutiva humana, a formação grupal com forte coesão de crenças e atividades foi importante para viabilizar a cooperação e a sobrevivência. Pinker chama de proteção cognitiva da identidade a tentativa de formação de grupos e coletivos que, em torno de crenças comuns, são capazes de negar fatos pelo conforto cognitivo do grupo. Por meio desse processo, entre outros, crenças metafísicas almejadas acabam por serem vistas e tomadas como narrativas explicativas para fenômenos do mundo (PINKER, 2018).

Pinker apresenta uma série de pesquisas na área de psicologia evolutiva e psicologia social para demonstrar o efeito do grupo social próximo ou dos grupos de identidades compartilhadas sobre a percepção da realidade. Esse efeito se estende ao mundo político, onde ideologias são por vezes fortemente defendidas, sobretudo pelo fator conector que tais perspectivas exercem sobre as pessoas. Assim, o autor tenta demonstrar a necessidade de conhecimentos e postura, um exercício racional contínuo de superação dessas crenças coletivas e valorização do método

racional e científico para explicação da realidade, e, por fim, intervenção qualificada. O iluminismo inaugura essa postura. Pinker considera que

[...] os principais impulsionadores foram os ideais não políticos da razão, da ciência e do humanismo que levaram as pessoas a buscar e aplicar conhecimentos que aprimorassem o desenvolvimento humano. [...] A vida antes do Iluminismo era obscurecida por inanição, pestes, superstições, mortalidade materna e infantil, cavaleiros e guerreiros saqueadores, execuções e torturas sádicas, escravidão, caça às bruxas e Cruzadas, conquistas sangrentas e guerras religiosas genocidas (PINKER, 2018, p. 422).

O argumento central de Pinker é que o iluminismo se caracteriza como um processo resultado de uma série de desenvolvimentos evolutivos e sociais que culminaram nesse período em que a racionalidade e o *modus* científico de pensar passaram a solapar outras formas anteriores de vida e *modus* de pensamento. A partir de séries históricas e dados sobre o desenvolvimento civilizatório e de melhorias significativas no bem-estar humano, ele busca evidenciar os resultados práticos desse período. Além disso, argumenta que o iluminismo influenciou na formação do que ele chama de democracias capitalistas, com livre mercado e aponta benefícios dessas economias (PINKER, 2018).

O autor busca estabelecer nexos de causalidade entre evolução da mente, iluminismo e capitalismo democrático. Um processo difícil e reticente, mas que ao final produziu, pelo argumento de Pinker, as melhores condições para a vida humana já registradas. Uma das instigantes hipóteses de Pinker é a ideia de “progresso contínuo” (2018, p. 380), a partir da qual é possível estabelecer uma crítica ao autor. No campo da história e das ciências sociais, observa-se os acontecimentos dentro de uma linha causal muito estrita, com coerência teórica. Pinker faz saltos históricos grandes, sendo difícil, apenas pela evidência evolutiva, justificar as democracias capitalistas como resultados do progresso ou desenvolvimento humano. De igual maneira, toma o Iluminismo ou Era das Luzes como um acontecimento quase inevitável do progresso ou evolução humana, e não como um resultado de um processo histórico e social específico, situado e conflituoso.

Ademais, foi no âmbito do iluminismo, do evolucionismo social e de um período de razão eurocentrada, que proposições eugenistas, de extremo nacionalismo e de normatização da vida social e cultural foram propagadas. Essas proposições não surgiram sem tensões mesmo entre os iluministas. No entanto a ampliação para uma visão mais universal, que incluísse diferentes povos, continentes e minorias, nesse processo de conquista de direitos, não foi algo fundante desse período e o foi conquistado posteriormente com muita tensão.

Diferentemente da suavidade processual que Pinker faz parecer, o processo civilizador decorre de novas tensões e arranjos sociais que vão se impondo. O aumento da complexidade social, a necessidade de regulação do conflito, os processos de diferenciação social e o aumento da densidade demográfica, criam uma situação de centralidade do poder (ELIAS, 1994),

porém uma centralidade não mais assentada no argumento divino ou na ideia do poder como substância, mas como algo acordado e movido por agentes em seus interesses (WEBER, 1999). Quando Hobbes diz que ter poder é estar acreditado de poder (apud BOURDIEU, 2001, p. 295), ele faz, para além de uma prescrição, uma constatação de como o processo de conflito e dominação começava a se desenhar na Europa ocidental no século XVII. O poder deixa de ser uma essência e passa a ser fruto de acordos e crenças compartilhadas. Ou seja, poder relacional, inaugurando na modernidade uma nova forma de estruturação da realidade (SEWELL, 1992). Pinker não desenvolve nenhuma noção de dominação ou de relações de poder ou conflito, que estão fortemente presentes em todos esses processos históricos por ele descrito.

O aumento da perspectiva de vida ou do nível de escolarização da população mundial, por exemplo, não podem ser relacionados como resultados diretos ou gratuitos das ideias iluministas como tenta Pinker. Apesar de se reconhecer o ambiente racional e mais democrático que as ideias iluministas promoveram, os avanços inegáveis nos níveis de bem-estar social nos últimos séculos são também resultados de processos sociais, de empenhos, lutas e conflitos entre grupos de interesse. Numa sociedade do conhecimento, a informação e a técnica passam a ser bens indispensáveis para o processo produtivo. Nesse contexto, como bem apontou Theodoro Schultz (1973), o capital humano torna-se uma variável central na explicação do crescimento econômico. Essa pressão por capital humano se desdobra na necessidade de educação básica para as massas e de uma educação seriada que atenda a diversos níveis de produção. Dessa forma, o aumento significativo no acesso à educação, inclusive das mulheres, que Pinker argumenta, não pode ser dissociado de um contexto econômico específico, não apenas contínuo, mas tenso e com atores em disputa. A luta pela mobilidade social na Europa, a construção da ideia de educação para todos como um direito, e não apenas para uma elite intelectualizada, são avanços que se alimentam do iluminismo, mas que radicalizam as perspectivas dos iluministas. Esse caminho histórico, conectado, conflituoso e dinâmico, fica pouco explicitado na narrativa de Pinker.

Ele faz crítica às ciências sociais como um todo por supostamente negarem processos cognitivos e linguísticos e por serem alarmistas. Entretanto seria necessário especificar essa crítica genérica e situada no contexto estadunidense. Uma aproximação com determinados grupos e áreas das ciências sociais – campo tão plural – seria produtivo para esse debate. Inclusive para perceber que há sérios problemas em assemelhar “pensamento humanista” como “neoliberalismo” (2018, p. 18) – apesar da polissemia do termo – sobretudo fora dos EUA.

Considera-se, no entanto, que um dos objetivos finais de Pinker é defender os valores iluministas, o protagonismo da ciência e as benesses da razão em meio a um período de negação da narrativa científica, numa época de apegos identitários e ideológicos que se fecham ao debate e a razoabilidade democrática. O livro é contra ao que ele chama de “populismo autoritário” (p. 391), que nega a ciência e os especialistas, produzindo pós-verdades. Ele faz críticas pontuais a líderes políticos, apoiados por pessoas, que, segundo o autor, vivem em “ressentimento cultural” por mudanças culturais.

Essa e demais publicações de Pinker são voltadas para o público em geral, como uma espécie de extensão pública dos seus estudos em linguística e neurociência. Tais publicações, bem como textos congêneres de outros autores, estão circulando e ganhando espaço no debate público, figurando como um *modus* específico de interpretação do comportamento humano. Assim como a sociologia e demais ciências sociais deveras impactaram o debate público, ao longo do século XX, com a proeminência, por exemplo, de conceitos como o de classe social ou cultura. Hoje, essas ciências da mente imprimem seu *modus* de análise das questões do comportamento humano, das relações sociais, entre outros, o que enriquece o debate.

O termo iluminismo tem suas ranhuras históricas, o que pode fazer indigesto a proposição de um “novo iluminismo”. Para além da terminologia, Pinker defende que os princípios da liberdade, o valor da ciência, os direitos humanos e a valorização da razão para a solução dos problemas sejam refundados, tudo isso enleado em um espírito democrático e socialmente otimista. Por fim, o autor defende uma moral laica, um realismo moral, calcado na possibilidade de uma moral em diálogo com pressupostos do realismo biológico e psicologia evolutiva. Para o autor “a moral humanista baseia-se no fundamento universal da razão e dos interesses humanos: é uma característica inelutável da condição humana que todos nós ficamos em melhor situação se ajudarmos uns aos outros e abster-nos de ferir uns aos outros” (PINKER, 2018, p. 500).

De maneira análoga, mas no âmbito da sociologia, Émile Durkheim propôs a institucionalização de uma moral laica que promovesse coesão social, considerando o *dever ser* como ideal criado coletivamente, autoreferenciado e, portanto, uma segunda natureza (WEISS, 2010), o que indica que a prática consistente da ciência implica em uma prática epistemológica e moral pública.

Em *O novo iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*, Steven Pinker busca defender que os avanços civilizatórios, a melhora da qualidade de vida, a democratização da política e o fortalecimento dos direitos humanos são consequências de um processo evolutivo humano que teve no Iluminismo uma das formas mais singulares. Esses avanços, no entanto, somente se sustentarão se as formas e maneiras de convivência social e política continuarem a se articular com o *modus* científico e racional de pensar e projetar a realidade.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- PINKER, Steven. **O novo iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. *E-book*.
- SCHULTZ, Theodore. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- SEWELL, William. A theory of structure: duality, agency, and transformation. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 98, n. 1, p. 1-29, jul. 1992. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/229967>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UNB, 1999.

WEISS, Raquel Andrade. **Émile Durkheim e a fundamental social da moralidade**. 2010. 188 f. (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Recebido em 01/11/2019

Aceito em 16/09/2020